O POVOAMENTO PRÉ-HISTÓRICO E OS CONTATOS EURO-INDÍGENAS NO RIO DA PRATA COLONIAL: OS CAMINHOS E OS DESCAMINHOS DA PESQUISA ARQUEOLÓGICA

Arno Alvarez Kern*

RESUMO: Este estudo tem como objetivo apresentar uma série de interpretações sobre os resultados das pesquisas arqueológicas desenvolvidas pelos arqueólogos na região do Rio da Prata. É feita uma análise crítica genérica sobre as sínteses elaboradas, as quais podem nos evidenciar os caminhos e descaminhos metodológicos seguidos pelos pesquisadores, assim como a necessidade de abordagens interdisciplinares para melhores resultados no futuro.

A humanidade tem uma trajetória de mais de três milhões de anos na face do planeta, registrada tanto na documentação histórica como na arqueológica. As venturas e as desventuras pelas quais passou a espécie humana, as transformações orgânicas evolutivas ocorridas, os progressos técnico-econômicos desenvolvidos, as diversas formas de organização socio-políticas criadas, as manifestações artísticas e religiosas imaginadas, as longas migrações realizadas, cheias de riscos e aventuras, são importantes capítulos desta história de longa duração. Foi Braudel quem afirmou ser a História a ciência que fundamentalmente analisa a *dialética da longa duração*, por trabalhar com esta dinâmica de interações entre os elementos relacionados às estruturas socio-culturais que perduram longamente no tempo histórico (Braudel, 1972:10). Ela nos faz finalmente compreender as ações e reações ocorridas nestes extensos e complexos processos históricos por que passam as sociedades e as culturas, durante séculos e milênios. O mesmo pode ser afirmado em relação à Arqueologia, como observa muito bem Ian Hodder. A arqueologia é bem mais do que escavar artefatos e organizá-los nos museus em

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul, PUCRS e URI (Campus de Santo Angelo).

sub-sistemas sócio-culturais. Devemos examinar os objetos do passado em seus contextos específicos, mas sempre tendo em vista os aspectos mais gerais da longa-duração (Hodder, 1986:178). Podemos observar um exemplo disso quando estudamos o povoamento das paisagens em que vivemos. Nos confrontos e nos encontros que aqui se estabelecem entre as sociedades indígenas e européias, podemos perceber a persistência de práticas e modos de vida pré-históricos das comunidades indígenas coloniais americanas, enquanto que nas sociedades européias que se instalaram sobrevivem antigos elementos greco-romano-feudais mesclados à emergência de padrões modernos. São os vestígios da cultura material remanescentes nos diversos sítios arqueológicos da região, que nos permitem realizar a reconstituição dessas complexas realidades históricas de longa duração.

Discutir os caminhos e os descaminhos da reconstituição desse processo histórico de longa duração, ocorrido desde as suas origens pleistocênicas até o final do século 18, é o objetivo deste breve estudo. Sendo um trabalho de análise, e não de síntese, não se pretende aqui esgotar a bibliografia existente.

Graças às novas descobertas oportunizadas pelas pesquisas, os arqueólogos têm como meta desvelar um passado por muito tempo oculto, ora sob as camadas de terra acumuladas pelos séculos sobre os sítios arqueológicos, ora sob o manto da nossa indiferença, ignorância e preconceito. Os dados necessários à reconstituição dos processos históricos ao longo de períodos tão extensos e em paisagens tão diversificadas a nível continental, nos são evidenciados principalmente pelas descobertas arqueológicas mais recentes. Eles são atualmente comprovados pelos novos métodos de datação absoluta e relativa. Foram essas datações que nos possibilitaram superar, desde os inícios desta segunda metade do século 20, a limitada visão que até então vigorava de uma cronologia de pouco menos de um milhão de anos para a existência da humanidade. Ao mesmo tempo, ultrapassamos de maneira inexorável a idéia de um passado local de poucos séculos de duração para a nossa história platina.

Um primeiro caminho seguido pelas investigações, foi o da explicitação cada vez mais nítida e objetiva do ambiente: relevo, clima, flora e fauna, tanto das paisagens atuais e das paleopaisagens. A área

onde atualmente habitamos, ou seja, a bacia do rio da Prata oriental, está situada entre os vales dos rios Paraguai, Paraná, Uruguai e o oceano Atlântico. Nós não a vemos como um ambiente distinto do restante da América do Sul apenas porque habitamos nela e a partir dela é que examinamos curiosamente o resto deste imenso continente. Já numa primeira observação, ainda muito geral, percebemos a Oeste e a Norte as imensas, extensas e contínuas paisagens das cadeias de montanhas dos Andes e da floresta tropical amazônica. A Leste podemos olhar o horizonte longínquo e imutável do oceano Atlântico. É em relação a estas portentosas paisagens que a bacia do rio da Prata começa pouco a pouco a destacar-se.

Apesar de suas características de área de transição entre a zona tropical ao Norte, as paisagens austrais da Patagônia ao Sul e as cadeias de montanhas andinas a Oeste, esta área tem mantido certas características durante os processos históricos que se desenvolveram ao longo do tempo. Em seus limites é que se situam as praias, as planícies, as coxilhas, os rios e os relevos tão familiares das paisagens onde vivemos. Essa pequena área periférica em relação ao conjunto da América do Sul, tem limites razoavelmente definidos. Ela é delineada ao Sul e a Oeste pelas extensões das paisagens abertas da Patagônia e do Chaco, bem como pelos imensos volumes de água dos maiores rios da região (Paraná, Paraguai e Uruguai) que descem lentamente para o largo estuário que denominamos de rio da Prata. São paisagens que não evitam os contatos socio-culturais, ao mesmo tempo em que nos alertam para mudanças importantes que pouco a pouco se estabelecem em relação aos relevos, aos contingentes faunísticos e florísticos, bem como às novas condições climáticas. A Leste, a imensa paisagem portentosa das massas de água do oceano Atlântico demarcam um limite que só foi ultrapassado muito recentemente. Para o Norte, erguem-se os volumes e as enérgicas formas dos relevos do planalto sul-brasileiro, ao mesmo tempo em que se instalam pouco a pouco as condições climáticas, florísticas e faunísticas dos trópicos. Essa imensa área tem mantido certos aspectos culturais comuns que somente hoje começamos a compreender em sua variedade e complexidade, devido aos contatos culturais diversificados ocorridos nas paisagens que a limitam.

As etnias que povoaram essas paisagens não têm um passado tão

recente como se chegou a acreditar. Ao longo das últimas décadas, as pesquisas têm descortinado uma história que não se insere mais nos estreitos limites que ainda hoje freqüentemente são divulgados, mas sim em mais de doze milênios. Durante os trinta últimos anos, as pesquisas arqueológicas descobriram centenas de sítios arqueológicos, nos campos e nas florestas, em margens de rios e de lagoas, na planície costeira e no interior. Milhares de vestígios da cultura material dos primeiros povoadores foram estudados, evidenciando um grande número de sociedades indígenas, muito diferenciadas e tecnologicamente bem adaptadas às diversas paisagens locais.

Não podemos mais ignorar deliberadamente os milênios de ocupação humana das paisagens onde vivemos, nem deixar de explicar o povoamento deste território por outros grupos humanos no passado, muito antes da chegada de nossos antepassados europeus. Na realidade, esta ignorância fica evidenciada quando ainda iniciamos os nossos relatos históricos em data muito recente, com a fundação da cidade de Rio Grande e a implantação da dominação dos portugueses no canal que liga a laguna dos Patos ao oceano Atlântico, em pleno século 18. Ou mesmo quando o fizemos em data mais recuada um pouco, iniciando o nosso relato com a instalação dos espanhóis em diversas pequenas cidades na região do rio da Prata e a fundação das Missões Guaranis, ao longo dos séculos 16 e 17. Quando chegaram os espanhóis e os portugueses, encontraram estas áreas orientais da bacia platina povoadas por milhares de indígenas, organizados em muitos grupos diferentes, distribuídos em paisagens as mais diversas. Os restos materiais de suas culturas terminaram originando centenas de sítios arqueológicos, que comprovam esta ocupação. Grupos variados de caçadores, coletores, pescadores e horticultores, pertencentes a sociedades e culturas indígenas muito distintas, estavam adaptados aos diversos ambientes que encontraram e ocupavam todas as paisagens desta imensa região platina. A ocupação européia deu origem, por um lado, ao genocídio de centenas de indivíduos pertencentes a estes grupos indígenas. Por outro lado, teve início uma intensa miscigenação já nos momentos iniciais da conquista. Ocorreram igualmente transformações socio-culturais importantes, tais como a influência cultural mútua, as aculturações forçadas e espontâneas, bem como as intensas alterações dos costumes tradi-

cionais das diversas comunidades indígenas locais, num processo gradual de europeização. Os contatos estabelecidos deram origem também a uma série de influências das culturas indígenas sobre as novas sociedades emergentes que aqui se organizaram no período colonial. Uma significativa herança cultural e social aborígene tornou este novo mundo ibero-indígena distinto das metrópoles ibéricas. Resultantes dessas relações são, por exemplo, o uso da variada e abundante farmacopéia baseada em plantas nativas, muitos padrões culturais regionais tais como o mate e as boleadeiras, e o extraordinário vocabulário guarani que distingue com diferentes matizes os nossos linguajares brasileiro e espanhol platinos dos idiomas falados na Espanha e em Portugal. Os contatos e os impactos resultantes dos confrontos interétnicos provocaram igualmente o lento e irreversível etnocídio de culturas aqui estabelecidas há milênios. Essas são realidades históricas que ainda hoje temos dificuldade de aceitar.

Quando nos decidimos a escrever sobre o povoamento da região platina oriental, isto não pode nem deve significar a história de um dos países desta área, nem mesmo de uma das províncias ou um dos estados federados locais. Esse é um descaminho a ser evitado. Não podemos ignorar que estas abstrações administrativas, são criações políticas relativamente recentes. Os limites atuais não correspondem nem mesmo a fronteiras naturais, como já se pretendeu, tendo sido contestadas a mão armada no passado. Lefebvre lembrou certa vez que as denominadas “fronteiras naturais” foram assim definidas, quando as sociedades em presença cansaram de empurrar os limites políticos de um lado para outro, ao longo da história, escolhendo finalmente alguns acidentes geográficos como balizas para seus tratados de limites. É muito comum, nos estudos atuais, as referências à Argentina, ao Uruguai, ao Paraguai e ao Rio Grande do Sul, quando se trata da época colonial ou do passado pré-histórico. Entretanto, é apenas uma designação cômoda, mas imprópria, a territórios reconhecidos oficialmente como tal somente a partir do século 19. A única “história regional” que podemos escrever e interpretar com os dados de que dispomos, só pode referir-se necessariamente às paisagens do rio da Prata e a uma bacia hidrográfica platina na sua vertente atlântica. O que estamos aqui designando de região platina oriental se insere nos espaços entre os

vales dos rios Paraná, Uruguai e o litoral atlântico. Como tentaremos aqui descrever os antecedentes indígenas do povoamento, até o início da colonização realizada por segmentos das sociedades portuguesa e espanhola, a nossa referência histórica deverá ser um amplo contexto espaço-temporal subregional.

Qual foi o papel da ciência arqueológica na reconstituição deste panorama histórico? Um número muito reduzido de arqueólogos argentinos, uruguaios e sulbrasileiros realizaram nos anos 60 e 70 um esforço muito grande para percorrer esta imensa área inserida na bacia do rio da Prata, e descobrir os locais onde se encontravam os sítios arqueológicos. Ao longo de caminhos sem fim e de imensos percursos, fizeram o levantamento topográfico e ambiental desses locais, coletaram na superfície ou escavaram em poços de sondagem amostras das culturas materiais remanescentes, compararam esses dados com os das regiões vizinhas, e reuniram importantes informações para os primeiros relatórios e publicações sobre o nosso passado arqueológico pré-histórico e colonial. A primeira etapa da pesquisa, que se denomina "prospecção arqueológica", estava então em andamento. Outros pesquisadores vieram somar-se a estes, nos anos 80, ampliando as áreas prospectadas. Iniciou-se, igualmente, uma segunda etapa da pesquisa, que é o estudo dos vestígios arqueológicos, realizado a partir de escavações arqueológicas mais amplas, assim como em análises de laboratório mais detalhadas e precisas. As primeiras sínteses puderam então ser elaboradas, reunindo o conjunto dos dados em panoramas cronológicos amplos e tentando definir e conceituar os conjuntos de elementos das culturas materiais encontrados. Buscaram-se as informações históricas e etnográficas necessárias para a compreensão e a interpretação dos dados conhecidos. Esses caminhos deverão ainda ser novamente trilhados pelas próximas gerações de arqueólogos platinos. Dever-se-á realizar prospecções em áreas ainda virgens de trabalhos de campo, bem como fazer escavações amplas nos sítios arqueológicos conhecidos e capazes de propiciar bons resultados para as problemáticas propostas. Teremos que lutar pela conservação dos vestígios arqueológicos já encontrados e por encontrar. Deveremos também aprofundar as análises, sofisticar as interpretações e ampliar a utilização de teorias e modelos hipotéticos testáveis para dinamizar as nossas inter-

pretações e conclusões. Apesar da imensa tarefa que se encontra ainda diante de nós, o trabalho já realizado oportunizou uma série de novas informações capazes de nos apresentar uma visão sintética de uma história ainda em grande parte desconhecida (Kern, no prelo). Serviu igualmente para demonstrar como a experiência gradualmente acumulada pode nos fazer ultrapassar as armadilhas dos descaminhos e nos fazer retomar novamente os melhores caminhos, graças às orientações metodológicas e teóricas mais explícitas.

A primeira abordagem dessa problemática implicou em estabelecer as grandes linhas do povoamento da região, inseridas nos quadros das migrações pré-históricas que ocuparam a América e o território em que vivemos. Para tanto, foram levados em conta os dados relativos às transformações das paleo-paisagens, bem como os dados relativos aos elementos remanescentes das culturas materiais encontrados (indústrias líticas, ósseas, conchíferas, arte, cerâmica, etc.) organizados segundo variáveis temporais e espaciais. Foram estudadas as primeiras sociedades de caçadores, de coletores e de pescadores que aqui se estabeleceram, bem como as paleo-paisagens às quais se adaptaram através da cultura. Em um segundo passo dessa análise, de maneira muito tímida, tentou-se a definição socio-cultural destes grupos, bem como explicitar o tipo de relações adaptativas dialéticas em relação aos ambientes passados. Deveremos ainda evidenciar melhor a correlação existente entre os padrões de subsistência e o conjunto tecnotipológico da cultura material, o conhecimento técnico e os tipos de implementos produzidos. Desta maneira, serão melhor estudados os caçadores-coletores instalados nas florestas subtropicais do planalto meridional e suas encostas, os pescadores-coletores marinhos que ocuparam o litoral atlântico e os caçadores-pescadores dos pampas platinos.

Numa segunda abordagem, estiveram os arqueólogos interessados em estudar o surgimento da cerâmica, sem explicitar o processo de neolitização regional. Isto significa estudar as modificações socio-culturais por que passaram as sociedades indígenas há mais de dois milênios, a organização social em aldeias, a produção artesanal da cerâmica, a domesticação de plantas nativas e a produção horticoltora do cultivo. Essas inovações modernizadoras, parecem ter chegado a esta área por dois caminhos, um deles ao longo das alturas do planalto

meridional brasileiro, o outro descendo os rios provenientes do Amazonas. Por difusão cultural ou por migração étnica, terminou realizando-se uma modernização socio-econômica na área em estudos. Deverão ainda ser igualmente especificados os padrões de subsistência econômica destes grupos horticultores e suas relações com os dos caçadores-coletores-pescadores ainda remanescentes na região. Mais uma vez, deverão ser relacionadas múltiplas variáveis: paleo-paisagens, tipos de organização sócio-econômica e distribuição temporal, evidências tecnopológicas de sua cultura material. Não foram ignoradas, mas ainda não estão suficientemente exploradas as relações existentes entre os dados da etnografia dos grupos indígenas da região e suas relações com as informações arqueológicas. É por esse caminho da analogia etnográfica que deverão ser estudados os grupos de horticultores da floresta subtropical, os caçadores-coletores-horticultores instalados no planalto meridional brasileiro e os caçadores-pescadores ceramistas das zonas pampeana.

Finalmente, o último caminho a ser trilhado nessa análise centrar-se-á na penetração dos novos invasores e povoadores da região, que se instalaram a partir de frentes de expansão colonizadora, nos primórdios do período colonial. Os contingentes populacionais ibéricos foram, inicialmente, liderados pelos conquistadores, e, posteriormente pelos missionários e funcionários das monarquias ibéricas. Ocuparam espaços, fundaram cidades, absorveram algumas comunidades indígenas e aniquilaram outras. Devem ainda ser estudados arqueologicamente os impactos e os contatos que se estabeleceram entre os grupos indígenas remanescentes e estes novos povoadores, igualmente modernizadores, como os grupos guaranis haviam sido há 1.500 anos.

A definição destas várias abordagens foi estabelecida basicamente para atingir dois objetivos básicos. Primeiramente, para se obter uma boa organização cronológica e espacial, mesmo que provisória, das diversas informações disponíveis. Segundo, como única forma possível de obter-se uma reconstituição dos modos de vida, das atividades do cotidiano e captar realidades passadas já desaparecidas. Estes caminhos percorridos, ainda que de maneira limitada finalmente servirão para nos demonstrar como são férteis do ponto de vista científico esses interfaces interdisciplinares. Eles reúnem dados e interpretações

oportunizadas pelas ciências da natureza e das ciências humanas que estudam o passado, geomorfologia, paleontologia, paleobotânica, etno-história, arqueologia e história.

Os dados obtidos nas escavações arqueológicas, nas analogias etnográficas e mesmo na História, são ainda em grande parte desconhecidos da sociedade atual. No entanto, são apresentados de maneira sintética em uma série de estudos, antigos e modernos, como a bibliografia referenciada nos demonstra. A interdisciplinaridade das ciências do homem e da natureza, entretanto, nos permite a reconstituição de processos históricos multilíneares, multicausais e com inúmeras variáveis, agindo e reagindo entre si, de maneira complexa. Apenas essas abordagens nos possibilitarão superar as visões reducionistas, baseadas em abordagens unicasais e mecanicistas. Estas evidências são sempre que possível confrontadas com as teorias e os documentos históricos disponíveis, especialmente para confirmá-los ou rejeitá-los. A organização científica das diversas abordagens não dá origem a uma visão histórica “ecletica”, como muitos com certeza poderão erroneamente pensar, mas sim a uma síntese dos conhecimentos complementares obtidos nas pesquisas.

Visando a reconstituição dos processos históricos, devem ser estruturadas as informações em dois níveis. Em primeiro lugar, do ponto de vista cronológico, os dados se organizam em função das datações relativas ou absolutas conhecidas, numa sequência que se inicia no final da última glaciação, para terminar no século 18. É neste momento que se efetiva finalmente a conquista europeia do território, o surgimento de uma sociedade em grande parte mestiça, e o confinamento das últimas comunidades indígenas em alguns refúgios. Em segundo lugar, em função das grandes e importantes transformações ocorridas com as paisagens do passado, devem ser destacados os processos adaptativos culturais desenvolvidos pelos grupos em presença na região em estudos. Neste momento, é importante que sejam caracterizadas as paleo-paisagens e que sobre elas, sejam apresentadas as distribuições e disposições dos sítios arqueológicos, nestes ambientes em contínua transformação. Buscar-se-ia, assim, evidenciar como estas sociedades agiram e reagiram em relação aos meios ambientes aos quais se adaptaram. Cada uma das sociedades indígenas deveria então ser reconsti-

tuída sinteticamente, a partir dos dados arqueológicos das culturas materiais e das informações obtidas na documentação histórica colonial. Deverão ser igualmente importantes as análises das relações evidentes ou hipotéticas que estes grupos de caçadores, coletores, pescadores, horticultores e conquistadores europeus mantiveram entre si, assim como os tipos de impactos e de contatos que caracterizaram estas relações.

A compreensão deste extenso panorama histórico sintetizado pelas pesquisas arqueológicas, tem igualmente a finalidade de nos fazer pensar sobre problemáticas importantes, tanto no campo das ciências humanas como de nossa história local. Torna-se necessário uma visão crítica em relação ao nosso legado histórico. É necessário conhecer as origens de nossa história, e a partir dela, desenvolvermos uma consciência crítica sobre quem somos. A nossa sociedade formou-se a partir de inúmeras migrações de variadas origens, espontâneas ou forçadas. Os indígenas vieram da Ásia, no decorrer da última glaciação, povoando pouco a pouco toda a América. Os negros saíram da África, como escravos, obrigados a uma migração forçada. Os brancos migraram em levas sucessivas, da Europa, ao longo de todo o período colonial. É importante que a nossa sociedade atual tenha consciência deste longo processo histórico para que possamos compreender nossa inserção em sua última, relativa e transitória etapa. Dessa maneira tomaremos consciência de nossa situação existencial. Muito já se valorizou a herança dos europeus para a nossa sociedade. É tempo, agora, de respeitar e reconhecer finalmente o legado étnico de outras etnias que nos antecederam e que nos acompanham ainda atualmente. Os grupos indígenas, por sua vez, poderão tomar consciência da importância do processo histórico do qual foram protagonistas, repensando os caminhos de seu próprio destino. A resultante poderá ser, talvez, uma sociedade mais justa, coesa e solidária.

Essa história talvez faça prevalecer, finalmente, a idéia de que a construção de uma nova sociedade pode perfeitamente ser feita, sem que necessariamente se tenha de destruir o ambiente, o patrimônio cultural do passado e as outras etnias que compartilham conosco o espaço social.

KERN, A. A. O povoamento pré-histórico e os contatos euro-indígenas no rio da Prata colonial: os caminhos e os descaminhos da pesquisa arqueológica. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, 7:175-185, 1993.

ABSTRACT: *The prehistoric inhabitants and the Euroindian contact in the Rio da Prata colonial: the course of the archaeological research.* This paper presents some interpretations about the results of the archaeological research, made in the Rio da Prata region. A general critical analysis about the synthesis works can show us the methodological good ways and the wrong ways of the investigators, and the interdisciplinary approach that we need to obtain better results in the future.

Bibliografia

- BROCHADO, J. — *Um modelo ecológico de difusão da cerâmica e da agricultura no Leste da América do Sul* (Tese de Doutorado). Urbana (Illinois): Univ. of Illinois, EUA, 1984.
- BRAUDEL, F. A longa duração. In BRAUDEL, F. *História e Ciências Sociais*. Lisboa: Ed. Presença, 1972. p. 10.
- FEMENIAS, J.; RODRIGUEZ, O.; DIAZ, Antonio; BAEZA, J. et alii. — *Estado actual de las investigaciones arqueológicas en el Uruguay*. Montevideo: Centro de Estudios Arqueológicos. 1985.
- HILBERT, Klaus. — *Aspectos de la arqueología en el Uruguay*. Mainz: Verlag Philipp Zabern (Kommission für Allgemeine und Vergleichende Archäologie, v. 11), 1991.
- HODDER, I. *Reading the past*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1986. p. 178.
- KERN, Arno Alvarez. — *Le Précéramique du Plateau Sud-brésilien*. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1981.
- _____. *Antecedentes Indígenas do povoamento do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS (no prelo), 1993.
- KERN, Arno Alvarez (org.); JACOBUS, A.; RIBEIRO, P.; et alii. — *Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.
- LAMING-EMPERAIRE, Anette. — Problèmes de préhistoire brésilienne. *Annales Economies, Sociétés, Civilisations* n° 5, p. 1229-60, 1975.
- MEGGERS, B. e EVANS, C. — Las tierras bajas de Suramerica y las Antillas. *Revista de la Universidad Católica*, Quito, Equador, v. 5, n° 17, p. 11-69, 1977.
- OTTONELLO, Maria e LORANDI, Ana Maria. — *Introducción a la arqueología y etnología. Diez mil años de Historia Argentina*. Buenos Aires: EUDEBA, 1987.
- POUJADE, R. — Poblamiento prehistórico y colonial de Misiones. *Estudios Iberoamericanos* 18(1):29-69.
- PROUS, André. — *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Ed. Univ. de Brasília, 1991. 1991.
- RIBEIRO, Pedro Mentz. — Industrias líticas do Sul do Brasil: tentativa de esquematização. *Veritas* n° 24, v. 96, p. 471-92, 1979.
- _____. *Arqueologia do Vale do Rio Pardo* (Tese de Doutorado). Porto Alegre: Pós-Graduação em História, PUCRS, 1991.
- SCHMITZ, Pedro Inácio. — Industrias líticas en el Sur de Brasil. *Estudios Leopoldenses* v. 14, n° 47, p. 103-29, 1978.
- _____. Caçadores e coletores do Sul. In: SCHMITZ, P. I. *Caçadores e coletores da pré-história do Brasil*. São Leopoldo: UNISINOS, 1984.
- SCHMITZ, P. I. e BROCHADO, J. P. — *Datos para una secuencia cultural del Estado de Rio Grande do Sul (Brasil)*. Porto Alegre: Gabinete de Arqueologia da UFRGS (v. 2), 1972, mimeo.
- WACHNITZ, G. — *Prehistoria altoparanaense pregarani*. Misiones: Imp. Seyfriso, 1984.